

MUTAÇÃO DE VALORES E MERCANTILIZAÇÃO DAS ESCOLAS DE SAMBA PAULISTANAS NO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO

MUTATION OF VALUES AND MERCANTILIZATION OF "PAULISTANAS" SAMBA SCHOOLS IN CONTEMPORARY CAPITALISM

Aline Cristina Ferreira¹

Resumo: As escolas de samba paulistanas passaram por modificações ao longo de sua história, relacionadas principalmente ao processo de intensificação da mercantilização da sociedade capitalista. O presente artigo analisa as mutações de valores consequentes dessa mercantilização, sobretudo no regime de acumulação integral, vigente a partir dos anos 1980, correspondente ao capitalismo contemporâneo. Para tanto, buscou-se compreender as múltiplas determinações que cercam esse tema, apontando a definição de regime de acumulação e valores, bem como apresentando um histórico das escolas de samba paulistanas (originadas, em sua maioria, de cordões) e as suas mutações relacionadas à sociabilidade, financiamento, patrocínio, divulgação e processo criativo (temáticas e produção dos sambas-enredo).

Palavras-chave: Carnaval. Mercantilização. Capitalismo. Valores.

Abstract: The samba schools of São Paulo have been modified throughout their history. This process is related mainly to the intensification of the mercantilization of capitalist society. The mutations of the values that result from this mercantilization will be analyzed, especially in the regime of integral accumulation, in force since the 1980s, corresponding to contemporary capitalism. To do this, we will try to understand the multiple determinations that surround this theme, pointing to the definition of a regime of accumulation and values, as well as presenting a history of the samba schools of São Paulo (originated mostly from "cordões") and their mutations related to sociability, financing, sponsorship, dissemination and creative process (thematic and production of "sambas-enredo").

Keywords: Carnival. Mercantilization. Capitalism. Values.

A constatação de que o carnaval passou a ser tratado como mercadoria nas últimas décadas não é uma novidade. Isso já foi apontado pelos próprios membros das agremiações, como também por estudiosos do tema (OLIVEIRA, 2007; SIMSON, 2007; SOARES, 2006). Não por acaso, as últimas décadas estão inseridas em um momento histórico específico do capitalismo: o regime de acumulação integral. Partimos do pressuposto de que a mercantilização das relações sociais se intensificou no regime de acumulação conjugado (intensivo-extensivo) e, principalmente, no regime de acumulação integral (VIANA, 2015; VIANA, 2009). Nesse sentido, com base em nossa pesquisa realizada entre os anos 2013 e 2014, o presente artigo tem como

¹ Graduada em História pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail para contato: allinex3@gmail.com

objetivo analisar as mutações de valores relacionadas à mercantilização das escolas de samba paulistanas no regime de acumulação integral (correspondente ao capitalismo contemporâneo) a partir do método dialético². Isso pressupõe o conhecimento histórico dessa manifestação cultural, já que a focalização se dá na *mudança* de valores.

Assim, analisaremos algumas mudanças históricas das escolas de samba, considerando os seguintes elementos: o tipo de financiamento e patrocínio que as escolas possuíam e possuem; os tipos de relações sociais entre os membros das escolas; o papel dos meios de comunicação (principalmente as redes de televisão); e o papel da Prefeitura de São Paulo em relação à oficialização e aos investimentos. Além disso, analisaremos duas letras de samba-enredo. Ou seja, um de nossos objetivos é o de entender as escolas de samba paulistanas e a sua crescente mercantilização a partir das *muitas determinações*, assim como é preconizado pelo método marxista (dialético) de análise (MARX, 2008). Em outras palavras, buscamos uma explicação totalizante, por isso a importância de se considerar todos os elementos apontados.

Tais análises foram realizadas considerando as escolas de um modo geral, sem especificidade de agremiação, exceto a análise das duas letras de sambas-enredos – uma letra da agremiação *Vai-vai* e, a outra, da *Rosas de Ouro*. Contudo, antes de partir para as análises é necessário explicitarmos o que entendemos por “regime de acumulação integral” e “valores”.

O REGIME DE ACUMULAÇÃO INTEGRAL

O modo de produção capitalista é histórico. Isso significa dizer não apenas que ele pode ser substituído por meio de uma revolução, mas também que as suas formas mudam ao longo do tempo (apesar de, durante a sua existência, a essência não mude). Essas “formas” são denominadas “regimes de acumulação” por alguns autores marxistas, como Nildo Viana (2015; 2009), que aponta que cada regime de acumulação expressa uma forma da luta de classes em determinado momento histórico. Utilizaremos como uma das bases teóricas a definição de regime de acumulação apresentada por este autor³, focalizando-nos no regime de acumulação integral.

De acordo com Viana (2015), os pilares de um regime de acumulação são: a forma da organização de trabalho (taylorismo, fordismo, toyotismo etc.); a forma estatal (liberal, liberal-democrático, integracionista, neoliberal); e a forma de exploração internacional (neocolonialismo, imperialismo, neo-imperialismo), já que a tendência

² Entendemos o método dialético como um recurso heurístico para se analisar a realidade a partir das categorias marxistas, como a da totalidade (KORSCH, 1977).

³ Há outros autores importantes que estudaram os regimes de acumulação do modo de produção capitalista, tais como David Harvey (1992), alguns autores da Escola Regulacionista etc. No entanto, optamos por focalizar na teoria do regime de acumulação de Viana (2015; 2009) que também nos ajudará a entender a questão dos valores na sociedade moderna.

do capital é a de se expandir cada vez mais pelo mundo. Após a passagem da acumulação primitiva de capital nos países capitalistas imperialistas há o surgimento do *regime de acumulação extensivo*, marcado, principalmente, pela extração predominante de mais-valor absoluto. Juntamente com ele, surge o Estado liberal e o neocolonialismo, que servem de “aporte” para este regime de acumulação funcionar. Nesse momento as jornadas de trabalho eram extremamente extensas e o trabalho, precarizado. Por isso, os operários se manifestavam a favor de mudanç as, por meio de a es que visavam o acesso ao direito político, a conquista de direitos trabalhistas, a diminuição da jornada de trabalho etc. A partir da intensificação da luta de classes na década de 1850, esse regime entra em crise, culminando, em 1871, na Comuna de Paris (VIANA, 2015).

A fim de diminuir os impactos das conquistas operárias, como a diminuição da jornada de trabalho, há, ao mesmo tempo, o aumento da extração do mais-valor relativo e a diminuição da extração do mais-valor absoluto. E dessa maneira começa a surgir um novo regime de acumulação, o intensivo.

A obra de Taylor e a “administração científica do trabalho” são a resposta do capital, já esboçada de forma não sistemática antes do surgimento do taylorismo, a este recuo na extração de mais-valor absoluto. Assim se institui um novo regime de acumulação, complementado por uma nova forma estatal, o estado liberal-democrático, e uma nova forma de exploração internacional, o imperialismo. O taylorismo buscava, através da organização do processo de trabalho, aumentar a extração de mais-valor relativo (VIANA, 2015, p. 125).

O proletariado também resistiu   instituição desse regime de acumulação, especialmente   organização do trabalho (taylorismo). Tal resistência   descrita nas entrelinhas do livro de Taylor (1995), *Princípios de administração científica*, em que justifica a aliena o do trabalhador a partir de suas técnicas científicas, denunciando os operários que “fazem cera”, isto é, que, de forma proposital, tornam lenta a produção, quebram máquinas etc.

No entanto, os trabalhadores extrapolaram a resistência cotidiana ao taylorismo. No início do século XX a social-democracia crescia vertiginosamente, o movimento grevista ganhou força e houve o surgimento de revoluções, tais como a Revolução Russa, Alemã, H ngara etc. Por isso, já na década de 1920, nos deparamos com a crise do regime de acumulação intensivo. Nos países em que foram instaurados os regimes nazista e fascista foi constituído um regime de acumulação bélico. Já nos demais países europeus houve a tentativa de se reformar o regime de acumulação intensivo (VIANA, 2015).

O fim da Segunda Guerra Mundial, contudo, fez com que emergisse um regime de acumulação baseado no fordismo e no Estado integracionista (mais conhecido

como Estado de bem-estar social). O fordismo gerava uma insatisfação muito grande por parte dos operários, devido à sua intensificação do trabalho, possibilitando a constituição de um estado que visava integrar a classe operária ao capitalismo (por isso o autor se utiliza do termo “integracionista” em vez de “bem-estar social”) aumentando, por exemplo, o seu acesso ao consumo. Nesse momento também houve a expansão do capital transnacional, com um novo momento do imperialismo. A partir desse conjunto (fordismo, Estado integracionista, imperialismo) houve a possibilidade da instauração do regime de acumulação intensivo-extensivo, também denominado regime de acumulação conjugado (VIANA, 2015) ou regime fordista (HARVEY, 1992).

Nesse momento, começara a *intensificação* de um elemento importante que se tornaria ainda maior no regime de acumulação subsequente (isto é, o regime de acumulação integral): a *mercantilização* das relações sociais (uma das focalizações deste trabalho).

Este novo regime de acumulação [isto é, o conjugado] amortece as lutas de classes nos países capitalistas imperialistas, pois o estado integracionista não só busca integrar a classe operária através de sua política de “bem estar social”, o que significa, simultaneamente, a constituição da “cidadania social” (inclusão dos direitos sociais na cidadania, tal como descrita por T. H. Marshall, seu principal ideólogo), bem como as empresas oligopolistas concedem aumentos salariais, mas também pelo intervencionismo estatal nas instituições da sociedade civil (através da regularização jurídica, incentivos, recursos, controle, etc.), reforçando o processo de burocratização e mercantilização das relações sociais. O processo de mercantilização das relações sociais faz parte da estratégia de ampliação do mercado consumidor, fazendo os serviços sociais não-estatais se tornarem mercancias (VIANA, 2015, p. 131).

O regime de acumulação conjugado, no entanto, começa a declinar na década de 1960, com a diminuição da taxa de lucro. Há a ascensão do movimento operário europeu e o ressurgimento da discussão de teorias revolucionárias (marxismo, anarquismo, situacionismo, autonomismo etc.). Tal situação culminou, por exemplo, com o Maio de 68.

Com o esgotamento deste regime de acumulação, começa-se a gerir o regime de acumulação integral que se consolidará nos anos 1980, formando o capitalismo contemporâneo. Sua principal característica é o aumento da extração de mais-valor relativo e a intensificação da extração de mais-valor absoluto, tendo o toyotismo como organização do trabalho, o neoliberalismo como forma estatal e o neo-imperialismo como exploração internacional (BRAGA, 2013; VIANA, 2009).

De acordo com Viana (2009, p. 67), “[...] o taylorismo pode ser considerado a estratégia do capital na luta em torno do mais-valor relativo e a base de todas as outras formas de organização do trabalho que o ‘sucederam’”. Assim, para o autor, tanto o fordismo quanto o toyotismo têm como base o taylorismo. A diferença entre aqueles

dois primeiros seria a focalização voltada para a demanda do mercado (toyotismo), e não mais para a produção em massa (fordismo). Isso, no entanto, não significa que não haja mais produção em massa, nem que não existam contradições em sua introdução no contexto de países de capitalismo subordinado, como o Brasil. Concretamente, isso significa uma intensificação da exploração capitalista sob os operários, contribuindo também para o processo de lumpemproletarização.

Em síntese, o toyotismo apresenta os mesmos objetivos do taylorismo e do fordismo, o aumento de extração de mais-valor relativo. Isto é colocado em prática do mesmo modo que no modo tradicional, através da racionalização e da gerência científica. Vê-se isto no combate ao desperdício, na intensificação do controle da direção sobre a força de trabalho etc. [...] O significado histórico do toyotismo se encontra no fato de ele ser uma adaptação ao novo estágio de desenvolvimento do capitalismo mundial, fundamentado sob a lógica da acumulação integral (VIANA, 2009, p. 74).

Já o surgimento do Estado neoliberal data, aproximadamente, do final da década de 1970 e início da década de 1980 – considerando, primeiramente, os países europeus e os Estados Unidos. Era preciso um Estado que atendesse às novas demandas de um regime de acumulação novo: condições para a legitimação do aumento da extração de mais-valor, como a modificação da legislação trabalhista que tem como objetivo a precarização do trabalho. Assim, em 1979, Margareth Thatcher ascende ao poder inglês, e Ronald Reagan, em 1980, ao poder estadunidense. O Estado se torna mínimo e forte. Mínimo no sentido de menor intervenção estatal, e forte no sentido de intensificação da repressão.

Por fim, ainda de acordo com Viana (2009), o neo-imperialismo (forma de expansão do capital) também surgiu para criar condições para as novas necessidades do regime de acumulação integral, em que a riqueza dos países de capitalismo subordinado (países pobres) é transferida aos países neoimperialistas (países ricos), com uma expansão cada vez maior. O nome “neoimperialismo” é utilizado pelo autor em vez de “globalização”, pois esta palavra tende a suavizar o real significado dessa expansão, pautada no aumento da exploração.

O contexto brasileiro do processo de transição para o regime de acumulação integral é especificamente marcado pelo contexto da ditadura militar. Esta abriu as portas para os capitais estrangeiros, principalmente estadunidenses e em determinado momento ampliou o poder de consumo da população (anos 1970). Essa expansão do consumo, no entanto, se mostrou, com o passar do tempo, como uma ilusão já que logo após esse momento a crise financeira surgiu (NAPOLITANO, 2013). Nos anos 1990 o neoliberalismo chega ao Brasil para coroar o processo de desenvolvimento do regime de acumulação integral.

O toyotismo, neoliberalismo e neo-imperialismo constituem, assim, as bases para que o regime de acumulação integral consiga vigorar. São esses elementos que formam o capitalismo contemporâneo segundo a teoria de Viana (2009), que constituiu um dos suportes teóricos para a realização desta pesquisa. Nesse contexto ainda é importante ressaltar a ampliação do processo de mercantilização das relações sociais, manifestada pela cultura. “A mercantilização da cultura é algo antigo, mas sua intensificação e intervenção se tornam cada vez mais intensiva e extensiva. As universidades-mercadorias, as publicações-mercadorias, as ideias-mercadorias etc., são expressões do novo regime de acumulação” (VIANA, 2009, p. 166).

Enfim, essa mercantilização intensificada será analisada no presente trabalho tendo como focalização a mudança de valores nas escolas de samba paulistanas. No entanto, é necessário que explicitemos, primeiramente, o que entendemos pelo termo “valores”.

O CONCEITO DE VALORES

O conceito de valores utilizado na pesquisa é proveniente da teoria dos valores de Nildo Viana (2007). Nessa perspectiva, “valor” é entendido como tudo aquilo que determinado indivíduo, classe social, etc. considera como importante⁴. É preciso esclarecer que estamos nos referindo aos *valores culturais*, sendo que estes não são intrínsecos aos seres humanos, como se nascêssemos com determinados valores. São as pessoas quem atribuem valor às coisas, sendo, portanto, constituídos socialmente (VIANA, 2007; SOARES et. al., 2011).

Existem diferentes valores, tais como egoísmo, competição, coletividade, igualdade, cooperação, etc. Assim, há valores antagônicos entre si. De um lado há aqueles que conservam e reforçam as ideias capitalistas⁵ (egoísmo, competição, etc.), denominados por Viana (2007) como *valores axiológicos*; e, por outro, aqueles que são contrários a isso (coletividade, igualdade, etc.), denominados como *valores axionômicos* pelo mesmo autor. Os primeiros são usados como forma de dominação pela classe dominante, sendo inautênticos e conservadores; já os segundos são autênticos e têm relação com a emancipação humana, e por isso expressam interesses das classes oprimidas.

De acordo com Viana (2007), o termo “axiologia” geralmente é definido como “ciência dos valores”; como um ramo da filosofia que estuda os valores; ou como sinônimo da palavra “valor”: “Daí se poder falar em ‘interpretação axiológica’, isto é,

⁴ No Capítulo 1 do livro *Os valores na sociedade moderna* (VIANA, 2007), o autor retoma diversas definições que diferentes intelectuais deram ao termo “valores”. A partir desse panorama, Viana aponta suas concordâncias e discordâncias em relação a esses autores e apresenta esta sua concepção específica do termo.

⁵ Aqui é citado o capitalismo, pois é o modo de produção que foi estudado na presente pesquisa, mas cada modo de produção possui determinados valores predominantes. Os valores predominantes no capitalismo consistem em valores axiológicos, tais como competição, egoísmo, etc.

valorativa, de algo. É neste sentido que Max Weber e vários outros cientistas sociais usam ‘neutralidade axiológica’, que quer dizer ‘neutralidade de valores ou valorativa’” (VIANA, 2007, p. 30). No entanto, o autor *ressignifica*⁶ este termo, constituindo a seguinte concepção:

A axiologia é o padrão dominante de valores numa determinada sociedade. [...] Um padrão é, de certa forma, uma configuração, uma forma. Um padrão dominante é aquele que possui uma supremacia sobre outros padrões. Um padrão dominante de valores  , então, um padrão de valores. Uma configuração é uma determinada forma que assume os valores dominantes, que são os valores da classe dominante. Os valores dominantes podem assumir diferentes configurações mas conservam sempre os valores fundamentais correspondentes aos interesses da classe dominante. É por isso que a axiologia   uma determinada configuração dos valores dominantes. (VIANA, 2007, p. 33, grifos do autor).

Já o termo “axionomia” é um neologismo criado pelo autor, que tem um sentido antag nico ao de axiologia:

Chamaremos uma determinada configuração de valores humanos autênticos de axionomia. Ela é uma determinada forma assumida pelos valores autênticos, expressando, geralmente, os interesses das classes exploradas e/ou grupos oprimidos. [...] Os valores autênticos são aqueles que, tal como colocamos anteriormente, correspondem à natureza humana e que, numa sociedade de classes, expressam os interesses da libertação humana. (VIANA, 2007, p. 35).

Os valores axiológicos são um fen meno histórico, porém, eles aparecem como se fossem universais e intr secos à natureza humana, enquanto os valores axionômicos são autênticos e possuem relação com a natureza humana, sendo, todavia, marginalizados e reprimidos pelos valores axiológicos dentro da sociedade capitalista.

*Isto significa que os valores autênticos manifestam a essência humana, ou seja, correspondem a ela. Valores como os de liberdade, igualdade, criatividade, cooperação, etc., são exemplos de valores autênticos, enquanto que valores como poder, riqueza material, *status*, dinheiro, competição, lideranç a, hierarquia, etc., são valores constituídos socialmente e em contradição com a natureza humana, sendo, portanto, valores inautênticos (VIANA, 2007, p. 26-27).*

O critério para dizer se algo corresponde ou não   natureza humana tem como pressuposto a ideia de natureza humana concebida por Marx. Reproduzimos abaixo uma longa citação em que há uma explicação sobre isso. Optamos por reproduzirmo-na integralmente pois é um assunto complexo, mas, ao mesmo tempo, colocado de forma sint tica pelo autor.

⁶ O autor justifica a necessidade dessa ressignificação, mas não temos espaço aqui para reproduzir sua fundamentação. Sobre isso, cf. Viana (2007), especialmente o início do Capítulo 2, intitulado “Axiologia e axionomia”.

Para Marx, existem dois elementos básicos na natureza humana. Sem dúvida, no ser humano, existem necessidades básicas (comer, beber, dormir, amar, etc.) e a necessidade de produzir meios para satisfazê-las (e é isto que diferencia o ser humano dos animais). Por isso, ele precisa se relacionar com o mundo (natureza, sociedade). Esta relação se dá, fundamentalmente, através do trabalho e da sociabilidade. O trabalho e a sociabilidade se tornam novas necessidades (potencialidades) para os seres humanos, constituindo, pois, sua natureza.

O ser humano é um ser simultaneamente ativo e social. O trabalho e a sociabilidade são constituídos socialmente e é por isso que eles podem ser deformados, deixando de ser manifestação da natureza humana para ser sua negação. O trabalho, enquanto manifestação da natureza humana, é objetivação, exteriorização do ser humano, de suas potencialidades, mas nas sociedades divididas em classes sociais, passa a ser alienação, um meio para satisfazer outras necessidades, sob a direção de outros seres humanos. A alienação é uma relação na qual o trabalhador é dirigido por outro, o não-trabalhador. É a negação da objetivação, portanto, da natureza humana. A sociabilidade manifesta a natureza humana quando se constitui em relações igualitárias, fundadas na liberdade. Nas sociedades de classes, entretanto, se tornam relações de dominação e exploração, negando a natureza humana. O trabalho, seja como objetivação ou como alienação, se realiza no interior das relações sociais e por isso está intimamente ligado à sociabilidade, e vice-versa. Assim, a natureza humana é o conjunto de necessidades/potencialidades humanas (expresso nos conceitos de trabalho e sociabilidade). (VIANA, 2007, p. 25).

Além desses elementos apontados que caracterizam os valores é importante também mencionar que os indivíduos possuem uma escala valorativa. Isso significa dizer que um indivíduo pode considerar determinado valor como fundamental, ou periférico, como também pode desvalorar algo quando é avesso àquilo. Desse modo, este indivíduo pode ter valores contraditórios, isto é, ele pode ter tanto valores axiológicos quanto axionômicos ao mesmo tempo, se contradizendo. Afinal, os valores autênticos só serão plenos em uma sociedade emancipada, sem classes. Isso é um ponto importante de ser considerado pelo pesquisador, quando vai analisar a realidade concreta, que é uma totalidade extremamente complexa.

De acordo com Viana (2007), a conclusão de que determinado valor é axionômico só pode ser constatada se determinado objeto for analisado de acordo com uma perspectiva axionômica, isto é, que tenha como vislumbre a transformação total da sociedade, a emancipação humana. Para isso, é preciso partir da perspectiva do proletariado – classe revolucionária dentro do modo de produção capitalista –, o que é um pressuposto do método dialético⁷.

⁷ A questão da perspectiva do proletariado na dialética marxista foi pensada de forma mais aprofundada por Lukács (2012) em *História e Consciência de Classe* e por Korsch (1977) em *Marxismo e Filosofia*.

Um dos objetivos deste artigo é estudar as mudanç as de valores nas escolas de samba paulistanas, considerando a intensificação de sua mercantilização. Veremos que, ao longo do tempo, grande parte das redes de sociabilidade dos cordões carnavalescos expressava de maneira bem menos intensificada os valores axiológicos, se compararmos com o período do capitalismo contemporâneo. Mas, antes de abordar isso em específico, é preciso situar historicamente o carnaval paulistano. Assim, a seguir, traçaremos um panorama histórico, e, depois, analisaremos os valores atuais deste carnaval cuja focalização são as escolas de samba.

PANORAMA HISTÓRICO SOBRE AS ESCOLAS DE SAMBA PAULISTANAS

H  muitas hipóteses sobre o local originário do carnaval, remetendo até mesmo   dita “pr -história”. Esta manifestação cultural passou por mudanç as de significados e modos de comemoração, dependendo do momento histórico e do local. Porém, o objetivo aqui não   remontar às origens carnavalescas, mas tão somente traçar um panorama da história das escolas de samba paulistanas partindo dos cordões carnavalescos. O modelo de “escola de samba” tal como conhecemos hoje se originou no Rio de Janeiro, influenciando, mais tarde, alguns cordões paulistanos a se adaptarem a este modelo. Além disso, havia também outras manifestações carnavalescas da cidade de São Paulo, tais como blocos, salões de festa, bailes pagos, corsos com carros alegóricos, etc. No entanto, focalizaremos nos cordões.

Os cordões paulistanos começaram a surgir na década de 1910 em zonas desvalorizadas da cidade de São Paulo, tais como Barra Funda, Bela Vista (Bixiga) e Baixada do Glicério. Nesse contexto, dois cordões importantes se destacaram: o “Grupo Carnavalesco da Barra Funda”, conhecido como “Camisa Verde”, fundado na Barra Funda em 1914; e o cordão “Vai-vai”, fundado em 1930, no bairro de Bela Vista (Bixiga). Com o passar dos anos, ambos se tornariam escolas de samba existentes até hoje. Seus membros se caracterizavam pela inserção em um âmbito familiar, acrescido por amigos, vizinhança ou por meio de clubes de danças ou de futebol já existentes. Segundo Simson (2007), faziam parte dos cordões aproximadamente 150 pessoas, permitindo um controle maior da “filiação” dos indivíduos, já que todo mundo se conhecia. Foi a partir da oficialização das escolas de samba, em 1968, que esse número aumentou drasticamente, como será descrito mais a frente. Assim, antes de 1968, os membros tinham uma relação mais ótima entre si, tendo como principais valores a coletividade e a cooperação, com relações diretas, não burocratizadas:

Os velhos foliões por nós entrevistados apontaram grandes diferenç as entre o clima reinante naquele período “heroico” e no atual, em que os foliões podem contar com uma ajuda oficial institucionalizada. Para eles, a *ausência de uma ajuda financeira* segura e antecipada, apesar de todos os inconvenientes, acabava por reverter em muitos

aspectos positivos para as agremiações negras: *maior participação de seus membros* nas atividades pré-carnavalescas, encaradas também como geradoras de recursos; *maior criatividade* na invenção e elaboração das fantasias, feitas geralmente pelos próprios foliões e seus familiares, que, contando com poucos recursos, utilizavam materiais os mais variados e inusitados; *maior integração do agrupamento* carnavalesco com o bairro de origem, que funcionava como fonte básica para a obtenção de recursos para o desfile da agremiação; *maior integração entre os próprios membros* do cordão, em função da *ajuda mútua* na confecção de fantasias e adereços e na reforma ou confecção dos instrumentos musicais, o que aumentava os laços de *cooperação e amizade* (SIMSON, 2007, p. 145, grifos nossos).

Muito ligados à vizinhança e à família, esses cordões possuíam ligação íntima com o bairro de origem; por isso, até hoje, as escolas de samba provenientes de cordões exaltam, em seus enredos, os bairros originários. Estes bairros eram povoados por imigrantes italianos (operários das fábricas ou comerciantes locais) e por negros. Os cordões, no entanto, eram formados, majoritariamente, pelos últimos. Apesar de o contato entre esses dois grupos ser contínuo, eles não se relacionavam muito. Após a popularização e o crescimento dos cordões, as relações entre eles melhoraram e o Estado diminuiu a repressão aos negros dos cordões, considerados, até então, como “baderneiros” (SIMSON, 2007).

Com o crescimento dos cordões paulistanos e o surgimento de algumas escolas de samba em São Paulo, inspiradas no carnaval carioca, começou haver pressão para que o poder público passasse a apoiar e a financiar a festa. Com essas reivindicações, realizadas pelos líderes do carnaval paulistano, em 1968 o prefeito Faria Lima oficializou o carnaval de São Paulo. Antes disso, “O carnaval de São Paulo não era definitivamente oficializado e dependia do interesse dos governantes, do prefeito em especial, e da disponibilidade de verbas, para obter alguma subvenção” (BELO, 2008, p. 41). A partir de então, o carnaval paulista começou a chamar mais a atenção e a cada década passada, sua mercantilização intensificara.

No entanto, o prefeito Faria Lima garantiu o financiamento somente a quem se adequasse ao “modelo referência” das escolas de samba do Rio de Janeiro. Em relação às diferenças entre o modelo das escolas cariocas e dos cordões paulistanos, Simson aponta:

As principais diferenças entre os desfiles de cordão e escola de samba podem ser assim resumidas: quanto à música, os cordões utilizavam a marcha sambada, de ritmo mais militar e com menos ginga, enquanto nos desfiles de escolas de samba só é permitido o samba; quanto aos instrumentos musicais, o cordão trazia seções de corda e sopro, além da percussão, enquanto às escolas de samba só se permite esta; quanto aos elementos constitutivos, o cordão contava com balizas e contrabalizas abrindo o cortejo e com um numeroso reinado como atração maior do desfile, elementos que não existem nas escolas de samba, que, entretanto, incluem mestre-sala e porta-bandeira, baianas e passistas, inexistentes nos cordões; quanto ao símbolo da agremiação, o cordão des-

filava com um estandarte, levado a princípio por um homem e mais recentemente por uma porta-estandarte, nem sempre guarnecida pelo mestre-sala ou mestre de canto, enquanto as escolas de samba desfilam com bandeira, levada pela porta-bandeira, sempre acompanhada pelo mestre-sala, formando o casal principal do desfile (SIMSON, 2007, p. 143-144).

Enfim, nesse contexto, grande parte dos cordões se transformou em escola de samba, além do surgimento de escolas que não possuíam um histórico enquanto cordões. Estes novos grupos contavam com um grande apoio financeiro e possuíam ligação com as burocracias municipais.

Na mesma época começaram a surgir escolas, como Rosas de Ouro e Mocidade Alegre, lideradas por elementos brancos. Essas novas agremiações sambistas, contando com um *significativo capital inicial e com a ajuda financeira de algumas empresas comerciais, além de contatos valiosos na burocracia municipal*, estruturaram-se num esquema completamente novo, *trazendo para o mundo do samba uma visão mercadológica* que buscava objetivamente o *sucesso* na avenida (SIMSON, 2007, p.135, grifos nossos).

Desse modo, percebe-se que com a oficialização do carnaval, a partir de 1968, a “visão mercadológica” ganhou preponderância. Além disso, outros elementos começaram a surgir, tais como a figura do “carnavalesco” que consiste em uma pessoa contratada para organizar a escola de samba, executando tarefas principalmente ligadas ao gerenciamento do barracão (lugar onde são construídas as alegorias) e de outras atividades. Houve, também, a introdução de outras figuras que burocratizaram ainda mais as escolas, construindo hierarquias, como o presidente, vice-presidente, secretário, tesoureiro e outros elementos administrativos (BLASS, 2007).

Portanto, a hierarquia começou a ser valorizada em detrimento das relações horizontais entre os indivíduos. Além disso, a partir da contratação de um profissional organizador do desfile, a coletividade e cooperação (valores autênticos) começaram a se desvalorizar, já que os serviços profissionais passam por uma fragmentação hierárquica. Além disso, após a oficialização do carnaval paulistano em 1968, uma série de elementos contribuirão para o aumento do financiamento e patrocínio proveniente de empresas que trarão ainda mais consequências aos valores culturais.

FINANCIAMENTO E PATROCÍNIOS

De acordo com Simson (2007), o dinheiro para construir a folia dos cordões nas décadas de 1910 e 1920 consistia em uma arrecadação mensal dos membros. Porém, não havia um valor fixo, apenas quem possuía condições financeiras contribuía. Já a partir de 1930, o cordão Vai-vai conseguiu apoio financeiro dos imigrantes italianos

do bairro através do chamado “Livro de Ouro”, em que os nomes dos contribuintes e os valores doados eram anotados. Além disso, os recursos financeiros também eram provenientes de batalhas de confetes produzidas por comerciantes locais; competições e prêmios no Parque Antártica; apoio direto dos comerciantes; dentre outras coisas.

Outra maneira de financiamento surgiu entre as décadas de 1940 e 1960 com o surgimento de concursos competitivos que davam prêmios em dinheiro às agremiações, “aproveitando-se” de suas rivalidades:

Nos anos 1940 a 1960, com a introdução regular dos concursos carnavalescos patrocinados por empresas particulares – da área de comunicação (jornais e emissoras de rádio ou TV), do setor comercial (grandes magazines ou clubes de lojistas) ou mesmo do setor industrial (indústria de bebidas), *os sentimentos de disputa ou competição* entre as agremiações foram sendo canalizados para esses eventos mais organizados, com oferecimento de prêmios em dinheiro ou grandes taças em metal. As lutas corpo a corpo, então, passaram a ser travadas por ocasião da divulgação dos resultados do concurso, realizada logo após o término dos desfiles, na Terça-Feira Gorda, quando se formava uma grande concentração de sambistas em frente à sede da entidade organizadora da disputa, geralmente situada no Triângulo Central (SIMSON, 2007, p. 123-124, grifos nossos).

Para além da questão do financiamento, a partir deste trecho é possível perceber um valor axiológico marcante do capitalismo que está presente nesse momento específico do carnaval: a *competitividade*. Quando esta se torna um dos valores fundamentais das agremiações, os valores axionômicos de coletividade e comunidade são coibidos entre os diferentes cordões (ou escolas de samba, atualmente), pois a ânsia de vencer se torna maior. Por isso o dinheiro se torna cada vez mais um valor fundamental, já que para conseguir ganhar determinado prêmio é preciso haver uma estética considerada bela (o que significa ter dinheiro).

Assim, como já apontado, muitas coisas começaram a se modificar, principalmente após a oficialização do carnaval paulistano, e, conseqüentemente, a questão financeira. As escolas de samba passaram a contar com o dinheiro da Prefeitura e com os patrocínios privados, já que a partir de então o carnaval paulistano passou a ter mais visibilidade em comparação à época anterior da oficialização. E ainda, mais tarde, no final da década de 1990, elas passaram a obter dinheiro proveniente das imagens dos desfiles cedidas à rede Globo. Portanto, na década de 1990 a intensificação da mercantilização desta manifestação cultural tem como uma de suas determinações as vendas de imagem às redes televisivas.

A princípio, os desfiles das escolas de São Paulo eram transmitidos integralmente na década de 1980 pelo Sistema Brasileiro de Televisão (SBT). Mas, nesta década, houve um aumento de interesse em patrocinar as escolas paulistanas (BELO, 2008).

Em 1986 foi fundada a Liga Independente das Escolas de Samba (Liga) por escolas que queriam defender seus próprios interesses, desenvolvendo o carnaval paulistano “[...] de modo a aproximá-lo do *modelo espetacular e lucrativo* que já se realizava no Rio de Janeiro” (BELO, 2008, p. 72, grifos nossos). Assim, as escolas se dividiram entre a Liga, que ficou com as escolas maiores, e a UESP (União das Escolas de Samba Paulistanas – que já existia antes da Liga sendo esta um desmembramento da própria UESP) que ficou com as escolas menores.

A partir das negociações com a Liga, em 1998, as imagens foram cedidas à Rede Globo por meio de “contratos milionários de cessão de imagens” (OLIVEIRA, 2007, p. 94), fazendo com que as escolas se subordinassem a alguns aspectos técnicos, tais como a duração do desfile, para que se tornassem adequados   televisão. Outro aspecto interessante, resultado do carnaval televisionado, é a participação de artistas de televisão nos desfiles. É nesse contexto também que as mulheres nuas e seminuas começaram a marcar presença nesta festividade (BELO, 2008). O *excessivo* destaque dado a essas mulheres, geralmente famosas, contribui para um fen meno existente há muito tempo: a objetificação do corpo feminino. Nesse contexto, o corpo da mulher   exaltado acima de tudo, isto é, a aparência é valorizada, tornando-se uma atração que contribui para o *aumento da audiência*. Portanto, também está envolvida uma questão de disputa: se a rainha de bateria de determinada escola samba é mais famosa que a rainha de outra, então aquela escola chamar  mais atenção. E, por outro lado, a disputa está relacionada com as relações mercantis, já que o vencedor do desfile ganhar  um pr mio. Além do fato de que quanto maior a audiência da rede de televisão, maior é a sua lucratividade, devido às propagandas dos patrocinadores.

Mas voltando à questão mais geral do patrocínio e m dia, é bastante vantajoso contar com a exhibição do desfile (e a sua conseqüente adequação) em uma grande emissora de televisão, já que

Os patrocinadores das escolas de samba têm suas marcas ou produtos expostos por aproximadamente setenta minutos na emissora de maior audiência do país, ainda que de forma camuflada ou subliminar, pois o contrato de transmissão não permite que as escolas façam propaganda de nenhum tipo, pois apenas os patrocinadores da emissora podem ser veiculados na televisão (BELO, 2008, p. 95).

Esse interesse dos patrocinadores e as suas intenções explícitas e implícitas fazem com que grande parte dos enredos das escolas de samba se subordine a interesses mercadológicos. Assim, a ânsia de vencer um desfile (competitividade) torna-se maior do que a cooperação que poderia haver entre as escolas, potencializando a criação artística (criatividade). Outro fator negativo do contexto histórico atual das escolas de samba paulistanas é a criação de uma hierarquia entre as próprias escolas: há, por

um lado, as “grandes”, cujos desfiles passam na TV e rendem maior patrocínio; e, por outro, as “menores”, sem muitos investimentos.

Ademais, há a questão da criação de um espaço destinado especificamente à atuação das escolas – outra determinação para entendermos o fenômeno analisado. O Sambódromo do Anhembi foi criado a partir de uma mentalidade empresarial, privatizadora e de controle social, privando o acesso de grande parte da população.

[...] do ponto de vista governamental, estava instituído – como um aspecto fixo e até hoje inalterado – um modelo de propriedade privada, centrado na natureza híbrida e empresarial da Anhembi, que fazia com que o Carnaval de São Paulo pudesse crescer, sem dar aos seus atores e líderes qualquer poder de barganha. As Escolas, no Sambódromo, são como *grupos teatrais* contratados para um espetáculo oficial chamado de Carnaval, da mesma maneira que a Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira foi contratada para fazer o encerramento dos Jogos Panamericanos, de 2003, na República Dominicana. A diferença está na repetição anual do fato (OLIVEIRA, 2007, p. 88-89).

Enfim, todos esses elementos apontados revelam a intensificação dos valores axiológicos no capitalismo contemporâneo brasileiro. No entanto, para fundamentar ainda mais a nossa pesquisa, consideramos importante falar um pouco sobre as letras dos sambas-enredo, que também podem nos revelar pistas sobre a mercantilização e a predominância dos valores axiológicos na contemporaneidade.

OS SAMBAS-ENREDO

A partir da análise de alguns dos sambas-enredo é possível perceber de modo ainda mais evidente como os patrocínios podem interferir no tema da escola e mesmo na criatividade (valor axionômico), que acaba por ser restringida. A criação do tema e da letra precisam se adequar à realização de uma “mensagem subliminar” que remeta ao patrocinador ou à exaltação de determinada cidade, país, bairro, etc. homenageado:

De fato, existe uma relação de troca com as agremiações esperando que o homenageado invista financeiramente na escola ou que consiga, através da sua influência, arregimentar recursos. Dessa forma, não é possível ousar muito para não correr o risco de contrariar o homenageado, portanto, a opção pelo samba exaltação tem sua funcionalidade (SOARES, 2006, p. 85).

Desse modo, apresentaremos alguns exemplos de temas de desfiles e sambas-enredos que foram influenciadas diretamente pelos seus patrocinadores⁸. Contudo, antes disso, é preciso saber como e por quem os sambas-enredo são criados.

⁸ Nosso critério foi o de priorizar sambas-enredo que são mais explícitos em sua subordinação ao patrocinador. No entanto, consideramos possível a existência de contradições dentro das agremiações que possibilitem, por vezes, um conteúdo mais crítico. Mas, como já mencionado anteriormente, buscamos uma análise pela totalidade. Ou seja, não podemos determinar a predominância de valores axionômicos ou axiológicos apenas a partir das letras de seus sambas-enredo. É necessário sempre pensar

Inicialmente, na época dos cordões, não havia um tema anual, nem enredo. Os temas das músicas eram sobre as próprias agremiações (SIMSON, 2007). Como já pontuamos, o caráter “bairrista” dos cordões era (e ainda permanece em algumas agremiações) muito forte. Por isso havia muitas letras de autoexaltação. Atualmente, com o modelo das escolas de samba, há a escolha de um *enredo* de acordo com as *adequações* aos *patrocinadores*. Após a divulgação do tema, vários sambas-enredo são criados, por diferentes autores. Em seguida, há uma competição entre essas letras. Um júri analisa a reação dos membros às diversas versões, e a partir daí escolhe-se qual será a versão oficial. Assim, é algo baseado na competitividade, envolvendo questões profundas dentro da própria escola:

A escolha dos sambas-enredo é bastante tensa. No seu decorrer, extravasa conflitos e confrontos que revelam as relações de poder vigentes em uma determinada escola de samba. O concurso está permeado por negociações e ajustes que podem *acirrar disputas internas*. É um momento muito delicado, do ponto de vista político, para o desempenho e *competitividade* de uma escola de samba, no desfile de carnaval (BLASS, 2007, p. 75, grifos nossos).

Além disso,

A disputa entre os compositores se fortalece, estimulando o confronto latente entre diferentes tendências políticas presentes no cotidiano dessa escola de samba. *Esse confronto diz respeito à centralização do poder nas decisões financeiras e administrativas como, por exemplo, a substituição do interprete oficial do Vai Vai por um cantor carioca*. A escolha de um samba-enredo implica a eliminação do outro, e vice-versa. O conflito chega a tal ponto que quase inviabiliza a continuidade da produção artística do desfile de carnaval, nesse ano (BLASS, 2007, p. 76, grifos nossos).

Assim, na própria produção da letra, e em sua escolha, é possível perceber a predominância de determinados valores, diferenciando-se do trabalho criativo e não competitivo dentro dos cordões. Estes, como já mencionado, competiam entre si, mas não internamente, como apresentado nesta situação das escolas de samba⁹.

Em relação aos enredos que fazem propaganda implícita a determinado patrocinador, destacamos o enredo de 2008 da agremiação Rosas de Ouro, que realizou o lançamento do perfume “Rosaessência”, preparada pela “Symrise”, com carros alegóricos produzidos de acordo com essa temática. A mesma escola de samba, em

nas outras determinações (organização da agremiação, fonte de financiamento, mídia televisiva, contexto de produção etc.) que, no caso estudado, apontam, explicitamente, para a crescente mercantilização – como apresentamos nos tópicos anteriores.

⁹ Nossa intenção aqui não é idealizar os cordões, mesmo porque eles também possuíam suas contradições. Eles também estavam inseridos dentro da sociedade capitalista, mas em outro momento histórico, em que a prevalência de determinados valores não era tão “devastadora”, além das relações sociais se configurarem de uma forma diferente. Além disso, nossa comparação dos cordões com as escolas se justifica pelo próprio objetivo do presente trabalho, que possui um sentido histórico além de sociológico, já que estuda as mutações de valores em direção à intensificação (e não surgimento) de uma perspectiva mercantilizadora.

2010, teve patrocínio da marca de chocolate *Cacau Show*, com um samba-enredo cujo título era *O Cacau é Show*, em que se abordou a história do cacau. Em entrevista, a presidente da escola “suavizou” a questão da mercantilização ao enfatizar que se tratava de uma “parceria”, e não de um patrocínio:

Questionada a respeito do *merchandising*, a presidente da escola [Rosas de Ouro], Angelina Basílio, disse que a presença da empresa no desfile se tratava de uma parceria e não de um patrocínio. No entanto, em todas as entrevistas a carnavalesca terminava com a frase “cacau é show” – em alusão ao nome da empresa (NOTÍCIAS R7, 2010).

Trouxemos a seguir a letra deste samba-enredo, a fim de pontuarmos alguns elementos de análise:

É tão doce sonhar
E recordar a própria história
Eu, que já fui dádiva celestial
Em misteriosas civilizações
Fui batizado de cacau
Caminhei entre Maias e Astecas
Consagrei o meu valor
Caí na graça e no gosto
Na taça do imperador
A nobreza da Europa, eu conheci
E num tal mexe-mexe, eu me vi
Ganhei um gosto especial
A mistura deu carnaval!
Sou rei entre os presentes
Se for falar de paixão
Nos sentidos dessa gente
Posso tocar um coração
Agradeço a cada sonhador
Que me deu forma, brilho e cor

Estou aqui pra festejar
Hoje sou símbolo da vida,
Renasci nessa avenida
Na escolha popular
T  na boca do povo:
O Cacau CHEGOU!
Sou Rosas, Rosas de Ouro
Meu sabor te conquistou!¹⁰

Neste samba-enredo   possível apontar uma valorização do cacau relacionada à sua mercantilização. Isso porque o cacau é mostrado como algo nobre (A nobreza da Europa, eu conheci; Sou *rei* entre os presentes) e importante para a vida humana (Hoje sou símbolo da vida,/Renasci nessa avenida) que o “povo” deve *usufruir* (T  na boca do povo). Ou seja, criou-se uma justificativa, a partir da valoração do cacau, para que o “povo” *consuma* o fruto e, portanto, o *chocolate*: É preciso consumi-lo porque ele é considerado *nobre* (valor).

Em uma entrevista realizada pelo portal Notícias R7 (2010), já citada anteriormente,   mencionado que, durante este desfile da Rosas de Ouro, a Cacau Show distribuiu chocolates   arquibancada, evidenciando o caráter propagandístico de consumo da marca. O título, *O Cacau   Show*, também deixou claro que se tratava não do chocolate num geral, mas de um marca específica.

Além disso, trazemos como exemplo situações onde houve a implementação de propagandas implícitas mesmo sem constituir quaisquer relações com o tema do enredo. Ou seja, a necessidade da lucratividade se torna tão grande que as escolas colocam elementos estranhos dentro do desfile. Isso ocorreu em 2008 com a escola Tom Maior:

[...] Mesmo escolas de samba paulistanas sem enredos abertamente comerciais chegam a realizar adaptações questionáveis para conseguir dinheiro da iniciativa privada no Carnaval. No desfile da Tom Maior, por exemplo, haverá uma ala com fantasias de cotonetes, dentre outros utensílios de higiene. Seu enredo  : “Glória Paulista - São Paulo na Vanguarda da Economia Brasileira”. O que tem a ver com os cotonetes? (FOLHA DE SÃO PAULO ONLINE, 27 jan. 2008).

¹⁰ POESIA, Arm nio et. al. *Samba-enredo Rosas de Ouro, 2010*. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/rosas-de-ouro/samba-enredo-2010.html>>. Acesso em: 05 mai. 2014.

Os exemplos citados acima estão relacionados a empresas, mas também pode haver patrocínios advindos de municípios. Em 2014 a escola de samba Vai-vai teve como tema de seu desfile a comemoração aos cinquenta anos da cidade de Paulínia, cidade do interior de São Paulo, com o seguinte título: “Nas chamas da Vai-Vai. 50 anos de Paulínia”. Esta cidade foi escolhida por ter garantido patrocínio à escola, como mostra esta reportagem:

[...] Tantas cidades do Brasil, mas na verdade é que a Vai-Vai, Tânia, está precisando de dinheiro. Está construindo uma quadra nova, então precisa de patrocínio, e aí vai atrás de um enredo patrocinado. Só que você não pode colocar nenhuma marca de produto no sambódromo. Então é difícil também encontrar e conseguir patrocínio, mas uma cidade você pode homenagear. Então Paulínia trouxe o dinheiro, que é o que a Vai-Vai precisava para reconstruir a quadra nova. Vai sair da Praça 14 bis aqui no centro de São Paulo, vai mudar de endereço. Os foliões não estão achando ruim porque vai para uma quadra maior, então precisa de dinheiro. E como é que ganha dinheiro no carnaval? Ou com patrocínio, ou ganhando título. A Vai-Vai quer as duas coisas, então o que ela fez: trouxe o patrocínio de Paulínia, que está fazendo 50 anos. A cidade vai bancar o enredo e trouxe também o carnavalesco Chico Spinoza. É um dos carnavalescos mais premiados do país, o carnavalesco que mais deu título para a Vai-Vai. Ele fez uns cinco carnavais para a Vai-Vai e deu três campeonatos para a Vai-Vai. É um cara renomadíssimo. Ele vai fazer a abertura da copa, fez toda a recepção do papa, aquele cenário que a gente viu em Copacabana, inclusive, e ele é Vai-Vai (CBN, 06 fev. 2014, 00:40-01:34).

Abaixo reproduzimos a letra deste samba-enredo:

Sou preto e branco, meu manto tem tradição
Vem...a festa vai começar
Vai-Vai é a chama do samba
Que jamais se apagará
Resplandeceu...
Um novo dia com a quebra das correntes
Finda a exploração da cor
O negro cantou feliz
Mais uma bandeira se erguia
Na proclamação, democracia
Nos trilhos o progresso desse chão

Brotou na força da imigração
E assim nasceu no berço dessa pátria mãe gentil
Uma cidade de encantos mil
O povo p de festejar... festejar!
Gigante polo industrial
Ao meu Brasil é fundamental
Na união, a miscigenação
(Bis)
Um brilho de luz clareia...
Reluz nessa “feliz-cidade”
O esporte   vida, saúde e paixão
  emoção...

Em cena a essência da arte
“Liberdade” na imaginação
Desperta o amor   cultura
Embala os sonhos de um novo amanhã
Na tela um filme revela quem está em cartaz
É a magia do cinema nacional
Paulínia...   ela!
A estrela do meu carnaval¹¹

Um dos elementos mais evidentes é a exaltação da cidade em relação à sua história, com referência   abolição dos escravos e   chegada de imigrantes, trabalhadores das fazendas agrícolas, e como esses dois grupos formaram a cidade, além da valorização da industrialização da cidade. Além disso, também há referência   sua forte produção cultural (Desperta o amor   cultura). Isso porque além da cidade de Paulínia constituir um importante polo petroquímico da América Latina, ela também é conhecida pela sua

¹¹ ALMEIDA, Vagner et. al. *Samba-enredo Vai-vai*, 2014. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/vai-vai/samba-enredo-2014.html>>. Acesso em: 05 mai. 2014.

produção cultural em relação ao cinema (por isso a referência e exaltação em “É a magia do cinema nacional”), sendo conhecida também como “Hollywood Brasileira”. Assim, os políticos investem muito dinheiro nessa área, ou seja, há uma preocupação muito grande em relação ao turismo e ao dinheiro que pode vir disso. É possível perceber esses elementos a partir da seguinte fala do secretário de Obras e Serviços Públicos de Paulínia de 2014:

Temos a maior refinaria do país e o petróleo é nossa grande fonte de renda. Mas sabemos que com o tempo este recurso desaparecerá, de modo que estamos nos preparando para o futuro. Daí a ideia de montar um polo cinematográfico em Paulínia. O *cinema* atrai o turismo e *novos negócios*, e é uma das áreas que mais crescem hoje no mundo (JORNAL ONLINE PRISMA, s/d, grifos nossos).

É perceptível a preocupação deste secretário em relação ao cinema, no sentido de visar o aspecto financeiro. Em relação a isso, é necessário refletir sobre a quem interessa esse enorme investimento cultural em Paulínia. Provavelmente os beneficiários serão aqueles que já fazem parte das classes privilegiadas, enquanto as classes desprivilegiadas reclamam o seu acesso à saúde e à educação, como podemos constatar a partir de reportagens do começo dos anos 2000 sobre a cidade, bem como em notícias mais recentes. Em uma reportagem de 2006, da revista online “Isto é dinheiro”, há a seguinte denúncia:

Os projetos de Moura [prefeito de Paulínia em 2006] estão longe de ser unanimidade? Ele gasta milhões em obras faraônicas que não servem para nada, enquanto as escolas estão uma lástima?, diz o médico Marcos Teixeira, presidente da ONG Ama Paulínia, que embargou na Justiça algumas das obras de Moura. Uma delas foi o Manto de Cristal, uma enorme pirâmide de vidro (se o Louvre tem, por que Paulínia não pode?) que seria construída no centro da cidade, ao custo de R\$ 100 milhões. Mas a ONG não conseguiu impedir a construção do sambódromo coberto, em 1993, que custou R\$ 49 milhões e que, na inauguração, podia assentar todos os habitantes de Paulínia (na época 40 mil) (ISTO É DINHEIRO ONLINE, 19/07/2006).

Quatro anos depois, percebemos o mesmo tipo de reclamação:

Paulínia tem ao todo 27 creches, mesmo assim o município tem um déficit de 900 vagas. As mães para garantir uma vaga para os filhos apelam para a Justiça. E só mediante o mandado de segurança a vaga é obtida. A secretaria da Educação de Paulínia informa que só vai solucionar completamente o problema em 2015 (JORNAL TVB ONLINE, 17/06/2010).

Para reforçar o fato de que esses problemas não foram solucionados, trouxemos também uma reportagem de 2017. Embora o samba-enredo da Vai-vai sobre Paulínia

seja datado de 2014, é importante mostrar essas continuidades da precarização da educação e saúde que estão longe de serem solucionadas:

A pedido do prefeito, o secretário da Saúde, George Burlandy, visitou as Unidades Básicas de Saúde da cidade para verificar a situação das mesmas. Infelizmente, segundo ele, encontraram uma Saúde sucateada.

O chefe do Executivo ressalta ainda que todas as dificuldades enfrentadas durante os últimos anos, tanto na Saúde quanto em outras áreas essenciais do Governo, são resultado da m  gestão dos recursos (JTV ONLINE, 11 fev. 2017).

A letra do samba-enredo da Vai-vai exalta a cidade de Paulínia desconsiderando estas deficiências. Alguns valores axionômicos, ligados ao desejo de emancipação humana, são existentes na letra, como a menção à abolição da escravidão, exaltando a liberdade. No entanto, isso se torna contraditório se analisarmos a letra como um todo, que   acrítica em relação   mazelas que atingem as classes desprivilegiadas atualmente. Por isso, os valores axiológicos se tornam preponderantes, já que o mais valorizado é o patrocínio (dinheiro), que subordina a letra a uma perspectiva acrítica, apenas de exaltação da realidade.

Sobre esse olhar mercadológico que permeia a história das escolas de samba paulistanas, seus próprios membros desenvolveram diferentes opiniões. Isso pode ser demonstrado na seguinte entrevista concedida a Soares (2006), pela escola de samba Vai-vai, em relação ao assunto da “comercialização” das agremiações:

[...] Eu vejo isso como uma coisa normal um procedimento normal, uma evolução normal, como nosso mundo hoje t  progredindo na parte industrial na parte política, na parte, sei lá [...] então, a escola de samba ela tem que evoluir junto, ela tem que se associar, ela tem que engrenar nesse tipo de coisa, então, automaticamente, ela vai partir pro lado comercial também, como várias coisas que hoje t  partindo [...] (Fabíola, porta bandeira) (SOARES, 2006, p. 151-152).

Em contraposição, há a seguinte opinião:

[...] Pra mim, a mudanç a é a comunidade não poder participar da escola devido o preç o da fantasia, não que a escola exija isso, e sim, pela coisa que mudou. Então hoje tem muita gente que não sai.

Eu, por exemplo, tenho uma ala, chego na minha mesa e falo a fantasia t  R\$220,00, eu sei que é uma pessoa da Vai-Vai, sei que ela é do bairro, mas simplesmente, eu não posso baratear essa fantasia, essa fantasia realmente   R\$220,00.

Então, o que eles fazem? Eles vão pra uma arquibancada, porque eles não podem sair, o que eu sinto   isso. Dela [a escola de samba] crescer eu acho ótimo, eu quero mais   que ela cresça, mas essa coisa eu fico meio depressiva dos nossos irmãos não poder estar com a gente ali, eles ficam aqui com a gente o tempo todo no ensaio, mas eles não podem estar na Avenida, e isso não é legal. Eu acho que deveria arranjar um jeito de do -las pra que eles pudesse sair [...] (Fátima, chefe de ala) (SOARES, 2006, p. 152).

Enquanto alguns criticam o caráter mercadológico deste tipo de carnaval, há aqueles que pensam na mercantilização de maneira positiva. Isso porque esta teria possibilitado o desenvolvimento e o crescimento das escolas, que se tornaram mais “sofisticadas”. Assim, enquanto a porta bandeira *naturaliza* a mercantilização, remetendo a uma “evolução” (o que inclui a modernização como valor), a chefe de ala percebe como esse processo exclui pessoas da própria Vai-vai. Enfim, apesar dessas contradições existentes, percebemos que há um “consenso” em torno da ideia da mercantilização por parte dos estudiosos que tivemos acesso, como Soares (2006) e Blass (2007). A ideia apresentada por eles é a de que o carnaval paulistano conseguiu “evoluir” com esse processo mercadológico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Caso determinado indivíduo queira desfilar no Sambódromo do Anhembi junto à escola de samba, ele precisa *ter* a fantasia; caso queira assistir ao desfile ou simplesmente ir aos ensaios, precisa *ter* um ingresso¹². Como já apontaria Erich Fromm (1982), na sociedade capitalista, o “ter” se sobrepõe ao “ser” – fenômeno que podemos perceber a partir do estudo da intensificação da mercantilização das relações sociais nesta sociedade. No contexto das escolas de samba paulistanas, grande parte das formas de sociabilidade passa pelo poder da compra, descaracterizando aquele sentido de cooperação e coletividade mais predominante dentro dos cordões do início do século XX até, aproximadamente, os anos 1960. Desse modo, percebemos, por meio do carnaval, uma mutação de valores (onde os valores axiológicos tornam-se cada vez mais predominantes), pautada pela intensificação da mercantilização das relações sociais no capitalismo contemporâneo, isto é, no regime de acumulação integral¹³.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELO, Vanir de Lima. **O enredo do carnaval nos enredos da cidade: dinâmica territorial das escolas de samba de São Paulo**. 2008. Dissertação. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- BRAGA, Lisandro. A teoria do regime de acumulação integral. **Revista Conflicto Social**. Año 6, nº 10, Buenos Aires, Julio a Diciembre, 2013.
- BLASS, Leila Maria da Silva. **Desfile na avenida, trabalho na escola de samba: a dupla face do carnaval**. Rio de Janeiro: Annablume, 2007.

¹² Em 2018, os preços dos ingressos dos desfiles variaram de R\$30 a R\$ 2420,00, dependendo do dia e local do Sambódromo.

¹³ Há exceções que poderiam ser estudadas de maneira mais aprofundada em uma nova pesquisa. Em 2018, por exemplo, o desfile da escola *carioca* Paraíso do Tuiuti trouxe elementos bastante críticos à sociedade vigente, apontando para a manifestação predominante de valores axionômicos. Assim, consideramos que a sociedade capitalista é contraditória e pode haver brechas dentro dessa manifestação cultural específica que é, *grosso modo*, subordinada ao processo de mercantilização.

- FROMM, Erich. **Ter ou ser?** Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna.** São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- KORSCH, Karl. **Marxismo e filosofia.** Porto: Afrontamento, 1977.
- LUKÁCS, Georg. **História e consciência de classe.** São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política.** São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- NAPOLITANO, Marcos. **1964: História do regime militar brasileiro.** São Paulo: Editora Contexto, 2013.
- OLIVEIRA, Christian D. M. de. **Geografia do turismo na cultura carnavalesca: o sambódromo do Anhembi.** São Paulo: Paulistana Editora, 2007.
- SIMSON, Olga R. de M. Von. **Carnaval em branco e negro: carnaval popular paulistano: 1914-1988.** Campinas: Editora Unicamp; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.
- SOARES, Cássia et. al. Representações cotidianas: uma proposta de apreensão de valores sociais na vertente marxista de produção do conhecimento. **Revista da Escola de Enfermagem/USP** vol.45 no. spe2, São Paulo, Dez. 2011.
- SOARES, Reinaldo da S. **Vai-Vai: o cotidiano de uma escola de samba.** Rio de Janeiro: Booklink, 2006.
- TAYLOR, Frederick W. **Princípios de administração científica.** São Paulo: Atlas, 1995.
- VIANA, Nildo. **Estado, democracia e cidadania: a dinâmica da política institucional no capitalismo.** 2ª edição, Rio de Janeiro: Achiamé, 2015.
- _____. **O capitalismo na era da acumulação integral.** São Paulo: Idéias e Letras, 2009.
- _____. O dinheiro como valor fundamental. **Revista Enfrentamento.** Ano 7, nº12, Goiânia, ago/dez, 2012.
- _____. **Os valores na sociedade moderna.** Brasília: Thesaurus, 2007.

JORNAIS/REVISTAS

- CBN GLOBO RADIO. **Por patrocínio, enredo da Vai-Vai homenageia a cidade de Paulínia, no interior de SP,** 06 fev. 2014. Disponível em: <<http://cbn.globoradio.globo.com/grandescoberturas/carnaval-2014/2014/02/06/POR-PATROCINIO-ENREDO-DA-VAI-VAI-HOMENAGEIA-A-CIDADE-DE-PAULINIA-NO-INTERIOR-DE-SP.htm>>. Acesso em: 11 fev. 2014.
- FOLHA DE S. PAULO ONLINE. **Em SP, escola de samba vende até perfume,** 27 fev. 2008. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2701200805.htm>>. Acesso em: 11 fev. 2014.
- ISTO É DINHEIRO ONLINE. **Paulínia, a Hollywood Brasileira,** 19 jul. 2006. Disponível em: <<http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/negocios/20060719/paulinia-hollywood-brasileira/13766.shtml>>. Acesso em: 06 mai. 2014.
- JTV ONLINE. **Segundo Prefeito de Paulínia, situação da Saúde na cidade está caótica,** 11 jan. 2017. Disponível em: <<http://jtv.com.br/prefeito-paulinia-saude-caotica/>>. Acesso em: 01 mai. 2018.

NOTÍCIAS R7. **Escolas de samba transformam desfiles em propaganda**, 16 fev. 2010. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/carnaval2010/noticias/escolas-de-samba-transformam-desfiles-em-propaganda-20100216.html>>. Acesso em: 11 fev. 2014.

PRISMA. **Cidade do petróleo e do cinema**, s/d. Disponível em: <<http://www.portalprisma.com.br/novosite/noticia.asp?cod=123>>. Acesso em: 06 mai. 2014. TVB. **Crianças de Paulínia só conseguem vagas em creches com mandado de segurança**, 17/06/2010. Disponível em: <<http://www.tvb.com.br/CRANCAS+DE+PAULINIA+SO+CONSEGUEM+VAGAS+EM+CRECHES+COM+MANDADO+DE+SEGURANCA/2.10,2067>>. Acesso em: 06 mai. 2014.

SAMBAS-ENREDO

ALMEIDA, Vagner et. al. **Samba-enredo Vai-vai**, 2014. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/vai-vai/samba-enredo-2014.html>>. Acesso em: 05 mai. 2014.

POESIA, Armênio et. al. **Samba-enredo Rosas de Ouro**, 2010. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/rosas-de-ouro/samba-enredo-2010.html>>. Acesso em: 05 mai. 2014.

SITES CONSULTADOS

<http://www.ligasp.com.br/>

<http://www.sociedaderosasdeouro.com.br/>

<http://www.paulinia.sp.gov.br/>

<http://www.vaivai.com.br/>